



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

NO AUDITÓRIO DA ESCOLA SUPERIOR DE
GUERRA, SOBRE A OPERAÇÃO PAN-AMERI-
CANA.

Desejo, em primeiro lugar, exprimir o meu agradecimento à Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra e ao seu Presidente, por esta feliz oportunidade de estar convosco, a fim de falar sobre a Operação Pan-Americana. Vosso interesse por este assunto, de palpitante e indiscutível atualidade, demonstra que vos conservais fiéis ao espírito desta instituição, que já tão bons e relevantes serviços tem prestado ao Brasil. 1113

Em oportunidades anteriores, venho procurando realçar que, pela primeira vez em nossa história de povo independente, os assuntos da política externa passam a interessar profundamente a diferentes camadas da vida nacional. Até há pouco tempo, o debate dos problemas internacionais não transcendia os limites dos gabinetes de trabalho de nossa Chancelaria. Julgo salutar a discussão sobre a política exterior do Brasil na imprensa, no parlamento, nos meios culturais e universitários, nos círculos de estudo e de pesquisa das Forças Armadas. É que o Governo, responsável pela conduta das relações exteriores, não deseja e não pode executar senão a política que lhe seja ditada pela consciência nacional. 1114

A Operação Pan-Americana representa precisamente uma tomada de posição, um protesto contra a desigualdade de condições econômicas neste Hemisfério, uma advertência pública e solene no tocante aos perigos latentes no atual estado de subdesenvolvimento da América Latina. Não estamos pleiteando favores, auxílios ou empréstimos. Não estamos exigindo a execução imediata de um programa rígido e perfeitamente configurado e definido. Não estamos colocando povos amigos e aliados diante de dolorosas contin- 1115

gências de escolha, nem condicionando o nosso apoio — que é irrestrito e espontâneo — à causa do Ocidente. Colocamos um problema premente à consciência da América, usando a voz da franqueza e da lealdade. Falamos, sobretudo, com o realismo de quem conhece perfeitamente os obstáculos imensos a superar, os pontos-de-vista antagônicos a conciliar, as dificuldades a aplainar e as incompreensões a vencer.

1116 Que é a Operação Pan-Americana ? Quais as suas possibilidades de êxito ? Quais os seus perigos de fracasso ? Quais as suas conseqüências, mediatas ou imediatas, nos grandes rumos da política continental ? Qual o prazo útil estabelecido para a sua realização ? Quais os resultados positivos já alcançados ? Qual o programa imediato de ação internacional a ser empreendida pelo Brasil e pelos outros Estados Americanos ? São estas as perguntas a que procurarei responder sem falsos otimismos, sem ilusões e sem desarrazoadas esperanças.

1117 Estou perfeitamente consciente do fato de que um grande trabalho de persuasão e de convencimento ainda se torna necessário para familiarizar a opinião pública brasileira e a opinião pública continental com os verdadeiros objetivos da "Operação". A verdade é que a opinião pública brasileira não estava acostumada à idéia de uma ação diplomática mais ativa e mais corajosa por parte do Brasil, com os riscos inerentes a todo e qualquer movimento de caráter essencialmente político. Absorvido com seus imensos problemas internos, de estabilização e de desenvolvimento, o país vivia um pouco alheio ao mundo em que tem de viver e à América que o circunda. Apegados, talvez, às benéficas influências que sempre recebemos do Velho Continente e a êle ligados pelo elo da tradição portuguesa e por vínculos humanos e culturais que nunca repudiaremos não nos havíamos apercebido, de maneira nítida, da nossa fisionomia latino-americana.

Sôbre êste alheamento brasileiro, desejo relembrar um trecho, altamente expressivo, da carta que recentemente me dirigiu o Presidente Lleras Camargo:

1118

“Devo dizer a Vossa Excelência, no entanto, que, em mais de uma ocasião, lamentei que o interêsse do Brasil pelo restante do mundo latino-americano que o rodeava não fôsse mais visível, e que sua participação nos problemas comuns não fôsse sempre proporcionada à sua importância demográfica, geográfica, cultural e econômica. Pensei que no Brasil prevalecia a opinião de que, em seu especialíssimo caso, a maneira por que sua história decorreu e seus laços particulares com o antigo continente, o separavam involuntariamente do conjunto americano restante, ao qual, no entanto, ofereceu amizade e uma colaboração jurídica e política da mais alta transcendência.”

E assim parecia na realidade. Nosso sentimento pan-americano se afirmava na colaboração prestada, aliás com admirável lucidez, à tarefa do ordenamento político-jurídico das relações inter-americanas. Nunca havíamos colocado perante o Continente a idéia — inteiramente nova — de que o princípio de solidariedade comum ante à agressão e à ameaça externa deveria, agora, estender-se à necessidade da luta comum contra a penúria, o subdesenvolvimento e a miséria.

1119

Nosso objetivo imediato já foi alcançado: o de colocar o problema do subdesenvolvimento, um problema real e indisfarçável, ante a consciência americana. O acêrto e a oportunidade de nossa iniciativa nesse sentido foram rapidamente comprovados pelas manifestações de solidariedade e magnífico apoio que recebemos dos eminentes Chefes-de-Estado das Repúblicas Americanas.

1120

1121 O êxito de nossa diplomacia patenteou-se finalmente na reunião informal dos Ministros das Relações Exteriores das 21 Repúblicas da América, realizada em Washington, na segunda quinzena de setembro. O comunicado conjunto, que resume as conversações havidas, e estabelece um programa de ação para o futuro, representa o endosso mais pleno e irrestrito da tese brasileira, que vinculava, de maneira indissolúvel, os conceitos de desenvolvimento econômico e de segurança coletiva e apresentava o fortalecimento econômico da América Latina como uma necessidade fundamental da estratégia global do Ocidente.

1122 Os Ministros reunidos em Washington aceitaram, integralmente, os seis pontos propostos pelo Brasil como possíveis temas de discussão entre os países americanos, com vistas à fixação de bases e pontos-de-partida para luta comum contra o subdesenvolvimento e, no que diz respeito ao aspecto processual do problema, concordaram com a nossa proposta, tendente à constituição de um Comitê de 21 Estados, incumbido de alcançar um acôrdo básico sôbre pontos fundamentais de orientação política.

1123 Parece-nos ocioso o debate, que intermitentemente reponta na imprensa, a respeito da conceituação da Operação Pan-Americana, ora como um movimento de caráter *político*, ora como movimento de caráter *econômico*, debate que pressupõe uma antinomia injustificável entre os dois conceitos. Em reiteradas ocasiões, temos manifestado que o pan-americanismo é um sistema praticamente perfeito e inalterável do ponto-de-vista político-jurídico e que, nesse setor, muito pouco existe a realizar no futuro imediato. O que queremos é traduzir os princípios do Pan-Americanismo em realidades permanentes e duradouras, no campo da cooperação econômica efetiva, diante do qual sempre se tinham detido nossos esforços. Nesse sentido, a Operação tem um objetivo claramente econômico. Certo

é, por outro lado, que êsses resultados econômicos não serão alcançados sem a execução de uma *política* suscetível de assegurar a sua consecução e sem uma idéia política que lhe dê sentido e conteúdo. E a idéia política contida na Operação Pan-Americana não é senão a de dar maior dinamismo e maior capacidade criadora à política ocidental, que não mais pode permanecer na posição inerte e passiva de apenas procurar resistir aos caprichos da diplomacia soviética, mas deve retomar a iniciativa, iniciativa de paz e de desenvolvimento econômico, de segurança coletiva e de justiça social.

No *aide-mémoire* brasileiro de 9 de agosto, deixá-vamos bem claro que a Operação Pan-Americana não era uma ação delimitada no tempo, com objetivos a serem atingidos em prazo curto, mas *uma verdadeira reorientação da política continental*, com o fim de colocar a América Latina, mediante um processo de valorização total, em condições de participar mais eficazmente na defesa do Ocidente, através de um sentido crescente de vitalidade e um maior desenvolvimento de suas possibilidades. “A Operação Pan-Americana não é, assim, um simples programa, mas *tôda uma política*”. Dizíamos então que a Operação Pan-Americana devia ser compreendida como um corolário da estratégia geral do Ocidente, dentre cujos objetivos fundamentais sobressaíam os seguintes: a preservação do regime democrático, baseado na liberdade política e religiosa e no respeito à propriedade privada e à livre empresa, e a defesa de tôdas as áreas que interessam à segurança do mundo livre. Por causa de sua importância intrínseca — política, econômica, social e estratégica — e porque uma ameaça à paz em qualquer parte do mundo era agora uma ameaça à paz no mundo inteiro, era oportuno rever, com o objetivo de fortificá-la, a contribuição ao poderio do mundo livre a

1124

ser dada pelas nações signatárias do Tratado do Rio de Janeiro.

1125 Enunciávamos, na mesma ocasião, os seguintes conceitos, que hoje nos parecem mais fortes e indiscutíveis do que quando os formulamos pela primeira vez:

1126 “No quadro da Operação Pan-Americana, a luta pela democracia identifica-se com a luta contra a estagnação e o subdesenvolvimento. O subdesenvolvimento reinante nesse Hemisfério compromete moral e materialmente a causa que defendemos. Zonas subdesenvolvidas são zonas abertas à penetração da ideologia antidemocrática. A batalha do Ocidente é, sob muitos aspectos e em tôdas as suas implicações, a luta pelo desenvolvimento. As ideologias materialistas se alimentam da penúria e da miséria de onde se originaram: o combate a estas constitui o único caminho seguro para o efetivo combate àquelas. Onde houver miséria, a nossa causa estará em perigo”.

1127 E advertíamos, com a mesma firmeza com que o fazemos hoje:

1128 “É ilusório esperar atuação convicta, em prol de uma causa que abrange aspectos tão complexos, de povos cujo exílio nos rigores do pauperismo os impede de pensar e sentir fora do âmbito restrito de suas prementes necessidades de sobrevivência”.

1129 É fato assaz conhecido — e hoje um truismo econômico — que os países industriais aumentam a sua riqueza com muito maior rapidez do que os de economia agrícola e pastoril. A continuar esta tendência, veremos aumentar indefinidamente a distância que separa os países desenvolvidos dos subdesenvolvidos.

1130 Esta situação alarmante impõe-nos o dever de buscar os meios de inverter esta trajetória, o que só pode ser feito mediante a eliminação, no processo his-

tórico do nosso desenvolvimento econômico, de algumas etapas que nos separam das potências industriais.

Temos de lutar de tôdas as formas e por todos os meios para realizar, em anos, o que outros realizaram em décadas; temos de exigir o máximo da nossa imaginação, de nosso engenho, para conseguir os recursos em técnica e em capital que nos permitirão a consecução dêsse objetivo. 1131

Infelizmente, porém, com uma população geralmente pobre, grande parte da qual apenas percebe o bastante para prover à sua subsistência, é impossível contar com a poupança individual como fonte de capital. 1132

O exame retrospectivo do comércio entre os países industriais e os de economia colonial tampouco nos autoriza a contar com o comércio exterior como única fonte de financiamento do nosso programa de desenvolvimento. Por um lado, as flutuações de preços dos produtos primários no mercado internacional são de tal ordem que se torna impossível basear na receita oriunda da sua venda um programa de desenvolvimento a longo prazo. Por outro, as condições do intercâmbio entre as potências industriais e os países não desenvolvidos tornam-se progressivamente desfavoráveis aos segundos, exigindo a exportação de uma quantidade sempre crescente de produtos primários para a aquisição da mesma quantidade de produtos manufaturados. 1133

De tudo isso, ressalta a necessidade urgente e imperiosa de romper êste círculo vicioso em que a pobreza gera o subdesenvolvimento e o subdesenvolvimento perpetua a pobreza. 1134

Para tanto se impõe a adoção de fortes e enérgicos corretivos, que, pela natureza mesma da situação que acabo de descrever, têm de transcender a órbita nacional, projetando-se no campo da cooperação entre as 1135

nações. Este objetivo, porém, só será atingido após a solução de uns quantos problemas básicos, que representam, de algum modo, as premissas fundamentais de qualquer progresso econômico.

1136 Em tais condições, fazemos face a um verdadeiro desafio. Queremos desenvolver nossos países em ritmo acelerado e estamos decididos a fazê-lo, pois assim o exigem nossos povos. Desejamos chegar a este resultado dentro do conceito democrático e cristão que constitui o fundamento da nossa sociedade, mas só poderemos fazê-lo se tivermos o auxílio das grandes potências ocidentais, particularmente dos Estados Unidos da América.

1137 Sob um sistema rígido de planejamento estatal, que comprime os níveis de consumo do povo e canaliza os recursos nacionais de forma inexorável no sentido que melhor se adapte às necessidades do desenvolvimento nacional, os países comunistas têm atingido um maior volume de investimentos do que os ocidentais, conseguindo, assim, um maior ritmo de desenvolvimento.

1138 Por outro lado — e o que é ainda mais significativo — a URSS lançou um programa de auxílio aos países subdesenvolvidos num ritmo que o levou de zero em 1954 a US\$ 1,6 bilhões em 1957.

1139 Além do seu volume crescente, o tipo de auxílio soviético tem sido de molde a atrair a simpatia dos países subdesenvolvidos. Caracteriza-se êle em geral pela concessão de vultosos empréstimos, a juros moderados, amortizáveis em mercadorias do país devedor. Contornam, assim, o problema de divisas e fornecem muitas vezes possibilidades de escoamento para produtos agrícolas de difícil colocação no mercado internacional. Esta situação põe, muitas vezes, o Ocidente na posição de competidor do país que deveria auxiliar, enquanto os países do bloco comu-

nista surgem como compradores providenciais de produtos gravosos.

Diante das condições oferecidas pela URSS, a 1140
tendência freqüente tem sido no sentido de esquecer a motivação política do auxílio para pensar apenas nos seus resultados concretos, comprovados ou esperados.

São, êsses, fatos da maior gravidade, cheios de 1141
significação política e suscetíveis de alterar substancialmente o atual equilíbrio de forças entre os dois blocos de nações, para os quais a atenção dos principais responsáveis pela política ocidental se acha voltada.

Julgo agora oportuno referir-me, em linhas gerais, 1142
ao trabalho que está cometido ao Comitê dos 21, que em 17 do corrente mês, se instalou em Washington, na sede da Organização dos Estados Americanos. Nos termos do comunicado final expedido pela Reunião de Chancelers de setembro último, o Comitê dos 21 deverá examinar o *aide-mémoire* de 9 de agosto, submetido pelo Itamarati à consideração das Chancelarias dos demais Estados Americanos. De tal documento, que contém nossas idéias básicas sobre a luta que nos propomos travar contra o subdesenvolvimento, consta uma lista de temas, esquematizados à luz dos grandes problemas com que, no campo econômico, se defronta a América Latina.

A importância maior deve ser atribuída no aumento de volume de investimentos, proveniente de capitais públicos, conforme estabelece o segundo dos temas propostos. Disto dependerá em última análise, a materialização da Operação Pan-Americana, a qual condiciona a solução dos grandes problemas da América Latina a aplicações maciças de capitais, em volume impossível de ser fornecido por investimentos privados. 1143

Por outro lado, o fortalecimento geral da economia, 1144
assim obtido, provocará uma maior atenção de capitais

privados, nacionais e estrangeiros, mercê das maiores condições de segurança e rentabilidade que lhes poderão ser oferecidas.

1145 Repito, pois, para que não haja dúvidas sobre nossa posição que somente o afluxo de *capitais públicos, em quantidades ingentes*, permitirá à América Latina acelerar o ritmo de crescimento da renda individual de seus habitantes, permitindo-lhes atingir um índice superior ao das áreas já plenamente desenvolvidas. Está claro, e todos os verdadeiros estudiosos do problema concordarão comigo, que a maior parte de tais investimentos, senão mesmo sua quase totalidade, deverá ser orientada para os setores básicos e infra-estruturais das economias latino-americanas, a fim de que sejam removidos os obstáculos hoje existentes à sua expansão global.

1146 O problema é sério e as soluções que buscamos, com urgência, não poderão ser parciais. O Brasil está disposto a não aceitar meias-soluções. De nada nos servirá procurar mostrar ao mundo uma unanimidade de vistas inexistente ou demonstrar uma satisfação fictícia com os resultados obtidos. Os estudos econômicos, em curso no Itamarati, situam em 3,5 bilhões de dólares as necessidades mínimas de créditos externos para que possa, só o Brasil, financiar a diferença entre a receita de suas exportações e o montante das importações indispensáveis ao crescimento de seu produto nacional bruto, no período compreendido entre 1959 e 1980. Para toda a América Latina, o mesmo cálculo se elevaria a um total de 10 bilhões de dólares. A quantia não é desproporcionada; é, antes, bastante razoável e realista, se considerarmos os perigos que acarretará para o mundo livre o estabelecimento de um clima de insegurança e insatisfação na América Latina.

1147 Trata o item IV do Memorandum brasileiro, da tentativa de disciplinar, equitativamente, os mercados dos produtos de base.

Com isso se teria alcançado a solução para o mais grave dos problemas com que se debatem os países desta parte do hemisfério, e que consiste, justamente, na instabilidade dos preços e dos mercados para os produtos de exportação que constituem o cerne mesmo de suas economias. A instabilidade econômica, daí resultante, acarreta necessariamente a instabilidade política e social, provocando todo um clima de pessimismo e de desalento. 1148

No quadro da Operação Pan-Americana deverão ser buscadas, portanto, e simultaneamente, a estabilidade das receitas cambiais e a segurança de compensações adequadas aos favores concedidos pelo mercado comum europeu aos produtos das colônias africanas. Ora, a segurança de uma receita cambial estável terá de decorrer da fixação, simultânea, de quotas de exportação de nossos produtos e do estabelecimento de um nível de preços remunerador, ou seja, a uma efetiva *reserva de mercado*. 1149

Ao lado disso, e dentro do espírito da Operação de que tratamos, deverão ser feitos esforços sinceros para a adoção de medidas que favoreçam ou acelerem a criação de um mercado regional latino-americano e a integração econômica da área, tão rápida e completamente quanto possível. 1150

A Assistência Técnica, objeto do item VI da lista apresentado pelo Brasil, representa o terceiro elemento, de origem externa, inadiavelmente necessário para a execução de um programa sério de desenvolvimento. Apesar de sua experiência, relativamente longa, a assistência técnica prestada pela ONU e pelo Governo dos Estados Unidos à América Latina se ressentia de amplitude conveniente, e de coordenação e de método, na sua distribuição e aplicação efetiva. É necessário, agora, que ela adquira uma contextura compatível com o esforço a ser desenvolvido nos outros campos. 1151

1152

Independentemente das possibilidades maiores ou menores de êxito integral e imediato, o que o Governo brasileiro deseja deixar bem claro é que considera a Operação Pan-Americana como um movimento político irreversível, porque corresponde a um problema real — o problema do subdesenvolvimento econômico no Hemisfério. A Operação Pan-Americana só perderá o seu sentido quando os seus objetivos tiverem sido alcançados. Não estamos diante de um capricho ou de um devaneio diplomático, mas de um programa de ação e já agora não poderemos recuar quaisquer que sejam as dificuldades e obstáculos a superar.

1153

O êxito final da Operação — bem o sabemos — não dependerá unicamente de nossa ação e de nossos esforços. Dependerá, em última análise, de um número de fatores e de circunstâncias latentes na atual situação internacional. O significado da Operação Pan-Americana transcende de muito os limites da política continental e vem ajustar-se às novas modalidades da crise mundial, num momento crítico para o Ocidente. A ameaça soviética era, até há poucos anos, considerada como uma ameaça de tipo puramente militar, localizada no Ocidente europeu. Já agora se percebe claramente que a guerra fria vai mudando de caráter, com a atenuação dos aspectos puramente militares e com uma ênfase cada dia maior nos aspectos econômico, industrial e tecnológico. O Ocidente, ao organizar o seu sistema defensivo, preparou-se para uma guerra que talvez não se materialize, muito embora seja justo reconhecer que poderia ter vindo a materializar-se não fôra a adoção das medidas assecuratórias de defesa. A preocupação com a ameaça soviética, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, fez com que todos os esforços da diplomacia ocidental se concentrassem no auxílio e na recuperação das áreas devastadas pela conflagração. Como já disse, não queremos localizar e individualizar respon-

sabilidades. Talvez, na ocasião, os Estados Unidos da América não tivessem alternativa, e talvez a liberdade e a democracia tivessem sido sufocadas pela avalanche soviética, se essa política de auxílios não tivesse sido planejada e executada. O que acontece é que não podemos manter, em 1958, o mesmo plano de ação que foi considerado indispensável em 1945. Hoje, a América Latina está em situação mais precária do que a dos países reconstruídos da Europa e constitui o elo mais fraco da coligação ocidental. É para esse fato que não cessaremos de chamar a atenção de nossos amigos dos Estados Unidos da América, com franqueza, com lealdade e até com palavras duras e realistas.

De qualquer maneira, os índices de uma mudança na posição americana são francamente auspiciosos e encorajadores e vemos com satisfação que êsses indícios não se manifestam apenas no seio do Governo dos Estados Unidos e no âmbito das Divisões do Departamento de Estado, mas em muitos setores do Congresso, da imprensa e mesmo da oposição democrata. O nosso dever é estimular essa tendência, que julgamos irreversível, e compreender que toda ação diplomática é obra de paciência, de firmeza e de tenacidade. Sabemos que, nos regimes democráticos, nenhuma mudança sensível poderá processar-se em matéria de política nacional sem o pleno apoio da opinião pública e sabemos que essa opinião pública tem de ser esclarecida e orientada.

1154

Somos os primeiros a reconhecer que todo programa de combate ao subdesenvolvimento é, pela sua própria natureza, um programa a longo prazo, visto como sempre teremos de assentar previamente as bases técnicas e materiais do fomento econômico. Nossa posição é, entretanto, intransigentemente contrária à adoção de meros paliativos, que poderiam dar-nos a ilusão de alívios passageiros e momentâneos,

1155

mas que nos roubariam a grande causa e a grande bandeira que levantamos.

1156

Estou, entretanto, inteiramente convencido, de que se formos fiéis a nós mesmos, à causa que defendemos, ao ideal que transmitimos a nossos irmãos do Continente, se perseverarmos em nosso caminho sem desfalecimentos e sem tibieza, se tivermos a coragem de não transformar pequenos avanços momentâneos em vitórias fictícias e irreais, se tivermos a grandeza de reconhecer os nossos erros e de corrigir as nossas omissões, teremos ao mesmo tempo associado o nome do Brasil e da diplomacia brasileira a uma das mais nobre e mais puras iniciativas da história das nações ocidentais, a essa grande tentativa da Operação Pan-Americana, grito de redenção de um Continente estuante de vida, que deseja trabalhar pela paz e pela tranqüilidade das nações.